

Frederico de Mello B. Tavares
Universidade Federal de
Ouro Preto – Ufop
E-mail:
frederico.tavares@ufop.edu.br

Kaio Moreira Veloso
Universidade Federal de
Ouro Preto – Ufop
E-mail:
kaiomoreira1999@gmail.com



Este trabalho está licenciado sob
uma licença [Creative Commons
Attribution 4.0 International
License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Copyright (©):
Aos autores pertence o direito
exclusivo de utilização ou
reprodução

ISSN: 2175-8689

“Jornalismo de livros” e a revista Quatro Cinco Um: materialidades e estratégias editoriais em leituras críticas de mundo

*“Book journalism” and the
Quatro Cinco Um magazine:
materialities and editorial
strategies in critical readings of
the world*

*“Periodismo de libros” y la
revista Quatro Cinco Um:
materialidades y estrategias
editoriales en lecturas críticas de
mundo*

de Mello Brandão Tavares, F., & Moreira Veloso, K. “Jornalismo de livros” e a revista Quatro Cinco Um: Contextos, tempos e materialidades editoriais. *Revista Eco-Pós*, 28(3), 556–578. <https://doi.org/10.29146/eco-ps.v28i3.28247>

RESUMO

Neste artigo, refletimos quanto ao *jornalismo de livros*, o qual compreendemos como representativo de uma subcategoria do jornalismo cultural. Argumentamos que se trata não somente de um conjunto de gêneros textuais, mas do produto resultante de práticas editoriais em uma rede de produções jornalísticas mais ampla, cuja especificidade reside na relação com os livros como fonte para discussão da atualidade, e cuja identidade como produto jornalístico está ligada a essa rede. Para isto, partimos de produções autorreferenciais da revista *Quatro Cinco Um*, problematizando sua materialidade em seus contextos de publicação, edição e produção, a fim de compreender como, ao falar sobre livros, seu jornalismo promove um certo pensamento sobre o mundo.

PALAVRAS-CHAVE: *Jornalismo de Livros; Revistas Culturais; Jornalismo e Editoração; Materialidade; Revista Quatro Cinco Um.*

ABSTRACT

In this article, we reflect on *book journalism*, which we understand as representative of a subcategory of cultural journalism. We argue that it is not only a set of textual genres but the product resulting from editorial practices in a broader network of journalistic productions, whose specificity lies in the relationship with books as a source for discussing the current time, and whose identity as a journalistic product is linked to this network. For this purpose, we rely on self-referential productions of the *Quatro Cinco Um* magazine, problematizing its materiality in its contexts of publication, editing, and production, in order to understand how, when speaking about books, its journalism promotes a certain worldview.

KEYWORDS: *Books journalism; Cultural magazines; Journalism and Editing; Materiality; Quatro Cinco Um Magazine.*

RESUMEN

En este artículo, reflexionamos sobre el *periodismo de libros*, que entendemos como representativo de una subcategoría del periodismo cultural. Argumentamos que no se trata solo de un conjunto de géneros textuales, sino del producto resultante de prácticas editoriales en una red más amplia de producciones periodísticas, cuya especificidad radica en la relación con los libros como fuente para discutir la actualidad, y cuya identidad como producto periodístico está vinculada a esa red. Para ello, partimos de producciones autorreferenciales de la revista *Quatro Cinco Um*, problematizando su materialidad en sus contextos de publicación, edición y producción, con el fin de comprender cómo, al hablar sobre libros, su periodismo promueve un cierto pensamiento sobre el mundo.

PALABRAS CLAVE: *Jornalismo de libros; Revistas Culturales; Periodismo y Edición; Materialidad; Revista Quatro Cinco Um.*

Submetido em 14 de maio de 2024.

Aceito em 01 de agosto de 2024.

Introdução

“A maneira mais simples de ingressar na vida literária”, escrevia Fernand Divoire, “era fundando uma revista” (Pluet-Despatin, 2016, p. 5). Essa reflexão de Pluet-Despatin (2016), em artigo sobre o lugar das revistas na história dos intelectuais, sintetiza o espírito da fundação, publicação e circulação de revistas em diferentes épocas e contextos nacionais. Embora refira-se sobretudo a periódicos franceses editados entre os séculos XIX e XX, tal afirmação encontra correspondência com a história da imprensa nos países anglófonos, na América Latina e no Brasil, respaldadas as suas diferenças históricas e geopolíticas.

Com uma vida costumeiramente curta, tal como revistas modernistas na Argentina e no Brasil no começo do século XX, sendo raras as publicações que alcançam os cem anos (Pluet-Despatin, 2016), foram nas páginas de distintas revistas impressas que diversos escritoras(es), ilustradoras(es), cientistas e demais intelectuais encontraram espaço para divulgar suas ideias, constituir redes de contatos e estabelecer uma carreira. Refletindo sobre as revistas literárias argentinas, Verónica Delgado e Geraldine Rogers lembram que pensar a história literária — argentina, mas também a de outros países — a partir das revistas significa ler uma série de “[...] relaciones y de aspectos de una práctica que, como la literatura, involucra no solo libros y autores” (2019, p. 7).

Nesse sentido, vão afirmar as autoras, em um contexto de estudos sobre a literatura e o jornalismo cultural, as revistas podem (e devem) ser vistas como

[...] elementos clave para la comprensión de los procesos culturales además de como formas propias de la cultura impresa en la modernidad y por tanto como modalidades de intervención específicas no solo de la literatura y las artes. (Delgado e Rogers, 2019, p. 7).

Uma série de autoras(es), editoras(res), ilustradoras (es), redatoras(es), entre outras/os agentes, da segunda metade do século XIX a meados do século XX, de forma independente e *caseira*, ou institucional e massiva, materializaram, por meio de um número expressivo de revistas, redes de sociabilidade, principalmente *urbanas*, que movimentaram as conexões entre circuitos artísticos, políticos, midiáticos e literários. Desenvolvendo esse argumento, Delgado (2014) endossa que pensar as revistas como “estruturas de sociabilidade” (Delgado, 2014, p. 21),

no contexto da história intelectual e da cultura impressa é reconhecer que tais periódicos, ligados a grupos específicos:

[...] permitirían atender a un conjunto de prácticas que, aunque no escriturarias, están vinculadas igualmente con los diversos ámbitos que nuclean a quienes hacen las publicaciones y conectar, según el caso, estas formas de sociabilidad con las significaciones vigentes o activas de “literatura”, “cultura”, “historia”, etc. Así, podrían pensarse las revistas mismas como una forma distintiva de la nueva sociabilidad literaria e intelectual de comienzos de siglo XX. (Delgado, 2014, p. 21, grifos originais)

As revistas culturais, em alguma medida, sempre foram estruturadas a partir de um espírito coletivo, resultantes, como produtos, de ações e práticas de agentes diversos, o que também faz parte, junto com a diversidade de seus conteúdos, da configuração de uma trama complexa de sociabilidade e materialidade. Nesse contexto — e viés —, no que diz respeito à literatura, o ingresso na vida literária era, portanto, diretamente ligado à rede de revistas (Louis, 2014) e embora hoje a produção cultural não seja representada com destaque pela materialidade dos impressos, há ainda uma forte relação entre a vida intelectual e literária e as publicações periódicas, onde contextos de publicação, edição, produção e leitura, tal como definidos por Louis (2014), ainda exercem forte influência, enquanto buscam e recriam maneiras de manterem-se sustentáveis economicamente e relevantes culturalmente.

Se há cerca de um século, por exemplo, existia uma “[...] exposición selectiva y estratégica de la literatura en las páginas de las publicaciones periódicas”, como vai dizer Rogers (2019, p. 20), problematizando os modos de organização entre o legível e o visível nas revistas, tomadas como dispositivos de exposição, o mesmo segue valendo para a realidade contemporânea. No entanto, se o contexto do século XX foi o de efervescência no lançamento de periódicos e títulos, consolidando uma relação entre o mercado editorial, a literatura e o jornalismo, o século XXI viu arrefecer o número de publicações impressas e também observou um redirecionamento e/ou reorganização do jornalismo cultural em revistas para um contexto restrito.

Neste cenário, a produção contemporânea voltada aos livros e à literatura no Brasil encontra-se diminuída frente à redução de espaços no jornalismo. Ainda assim, subsiste um rol de revistas que exercem um tipo de cobertura informativa cuja especificidade constitui-se em

uma intrincada relação de práticas editoriais e lógicas mercadológicas. São revistas que, além de constituírem um universo de referência sobre o campo cultural e literário, o fazem também atentas a uma maneira de ser do mercado editorial mais amplo, respondendo, nesse sentido, a demandas deste próprio mercado, praticando um tipo específico de jornalismo. Seja legitimando cânones (Veloso; Tavares, 2023), seja cobrindo, por meio de resenhas, perfis, entrevistas, reportagens, o que há de *novidade* no circuito comunicacional do qual fazem parte e que, ao mesmo tempo, auxiliam na sua própria constituição.

Como vai lembrar Piza (2003), no século XX, o jornalismo cultural passa a estar presente em revistas de variedades, nas quais vai se concentrar por meio da publicação de “ensaios, resenhas, críticas, reportagens, perfis e entrevistas, além da publicação de poemas” (Piza, 2003, p. 19). Ainda que o jornalismo cultural seja, historicamente, um “intérprete e júri do bom gosto, crítico voraz apto a silenciar ou dar voz a quem elege” (Cavalcanti; Golin, 2019, p. 73), que pressupõe, por sua prática, “[...] desestabilizar, questionar, deslocar o foco a novas percepções e processos relativos à cultura contemporânea, em diálogo constante com o passado” (Cavalcanti; Golin, 2019, p. 73). Dapieve (2013) complementa, dizendo que o jornalismo cultural responde a jogos de interesse que circunscrevem um mercado de bens culturais e responde a uma indústria cultural.

Como subcategoria do jornalismo cultural, o *jornalismo de livros* busca atingir um público seletivo e encontra na relação com o mercado editorial e a indústria de produtos e eventos culturais sua forma de existência. Neste cenário específico e diante do contexto contemporâneo, a revista brasileira *Quatro Cinco Um*, publicada desde 2017, pode ser considerada um exemplo recente desta prática, definindo-se como produção jornalística especializada, afirmando sua autonomia em gestão, estando alocada em uma associação sem fins lucrativos, e com *independência* na proposição de pautas.

Quatro Cinco Um ocupa hoje, quase que exclusivamente, um espaço de divulgação e crítica da produção livreira e literária nacional, em interlocuções com obras que ultrapassam o mundo do livro, ainda que com ele dialogando, como a música, o cinema, as artes.

Sua relação com o mercado editorial está ligada diretamente à sua manutenção, tratando-se de sua principal fonte de anúncios e parcerias¹. O mecenato através de planos de assinatura e relações institucionais apresenta-se também como forma de permanência da revista e dos demais empreendimentos da *Associação Quatro Cinco Um* (com direção de Paulo Werneck e Humberto Werneck), motivo pelo qual pode-se afirmar haver uma tensão entre o *mainstream*, representado pelos nomes poderosos dentro deste mercado, e o cenário independente, que por sua vez estaria em desvantagem nesta relação².

A publicação nomeia suas(eus) leitoras(es) de *leitores-mecenas* e mensalmente publica nomes das/os assinantes da publicação em suas páginas iniciais, qualificando-as/os como *entusiastas*. Na página da *Associação Quatro Cinco Um*, pode-se ler: “nossa comunidade de leitores é a garantia da nossa independência e sustentabilidade financeira. Vocês nos ajudam a construir o debate público no país”³. Segundo apresenta Gabriel Cohn em texto de 24 de junho de 2019 publicado no site da revista, “[...] O modelo de leitores-mecenas é uma tendência internacional: em diferentes países, comunidades de leitores têm despertado para a relevância do jornalismo crítico e independente como fator crucial para a vida democrática e a liberdade de expressão”⁴.

Em dezembro de 2019, *Quatro Cinco Um* publicou em seu site uma matéria⁵ referindo-se à edição de outubro daquele ano, nomeando-a como presente entre “[...] os grandes momentos da cultura brasileira em 2019” (Redação Quatro Cinco Um, 2019, s. p.). A edição, segundo a matéria, “teve uma repercussão inédita para os padrões do *jornalismo de livros* e chegou a esgotar nas bancas e livrarias do país” (2019, s. p., grifos nossos). Por tal razão, diz o texto, esse “[...] grande sucesso de vendas mudou a história da *Quatro Cinco Um*, que além de muita visibilidade

¹ Segundo informa a própria revista, “A principal fonte de financiamento da *Quatro Cinco Um* é a receita com assinaturas e a venda em bancas e livrarias. Anúncios do mercado editorial, apoios de instituições do Terceiro Setor para coberturas relevantes, projetos em torno do livro e da leitura, parcerias e doações privadas completam o orçamento” (grifos originais). Disponível em: <https://quatrocincoum.com.br/sobre-nos/>. Acesso em: 15 mar. 2024.

² Segundo a revista, em matéria de dezembro de 2019, “[...] A *Quatro Cinco Um* é um projeto cultural criado em 2017 pela Associação Quatro Cinco Um, no modelo de jornalismo comunitário e sem fins lucrativos, segundo o qual a maior parte do financiamento é feita por meio de vendas de assinaturas e doações privadas”. Ver: <https://quatrocincoum.com.br/noticias/quatro-cinco-um/edicao-historica-volta-para-novos-assinantes/>

³ Disponível em: <https://quatrocincoum.org.br/> Acesso em: 15 mar. 2024.

⁴ Disponível em: <https://quatrocincoum.com.br/resenhas/arte/adeus-ao-futuro/> Acesso em: 15 mar. 2024.

⁵ Matéria “Edição histórica volta para novos assinantes”. Disponível em: <https://quatrocincoum.com.br/noticias/quatro-cinco-um/edicao-historica-volta-para-novos-assinantes/>. Acesso em: 15 mar. 2024.

ganhou centenas de novos assinantes. Isso nos fez chegar bem mais perto do objetivo de autossustentação do nosso projeto” (2019, s. p., grifos originais).

A notícia incorporava também uma campanha de novas assinaturas, informando que futuros assinantes, que aderissem à revista naquele momento, receberiam exemplares remanescentes da bem-sucedida (e já *histórica*) edição de outubro de 2019, com a atriz Fernanda Montenegro na capa, além de, junto com a nova edição de janeiro 2019/dezembro 2020, um pôster original do filme *Fahrenheit 451*, de François Truffaut.

Chama a atenção nessa matéria tanto lógicas do mercado revisteiro e editorial (assinaturas, vendas, público) quanto do mercado cultural midiático-jornalístico, representado pela expressão *jornalismo de livros*. A revista, portanto, assume seu *gênero* e denota uma especificidade. E o que isso, de fato, significa?

Partindo da questão acima, este artigo, propõe-se a: 1) promover uma reflexão sobre a especificidade do *jornalismo de livros*, expressão pouco comum e conceito pouco trabalhado no campo de estudos do jornalismo cultural; 2) problematizar a materialidade da revista *Quatro Cinco Um* em seus contextos de publicação, edição e produção, recuperando momentos em que a revista se autorreferencia, dando pistas sobre como este *jornalismo de livros* praticado pelo periódico é expresso em um conjunto de referências a gêneros que lhe são comuns (resenha, ensaio, reportagem, entrevista, lista) e aos arranjos (significados e mediações) que tais gêneros permitem e criam para, mais que *falar de livros*, indicar como essa *fala* cria um pensamento sobre o mundo. Em síntese, busca-se problematizar o *jornalismo de livros* de *Quatro Cinco Um* como resultante de um conjunto de contextos e práticas editoriais específicas em uma rede de produções jornalísticas mais ampla, mas, mais que isso, como a materialização de uma política editorial de leitura crítica sobre o mundo, o que situa a revista dentro de uma tradição de revistas culturais e, conseqüentemente, dentro de uma perspectiva de relação do jornalismo cultural com o espírito de uma época.

***Quatro Cinco Um*, uma revista cultural e de cultura**

A edição de maio de *Quatro Cinco Um*, nº 81, em versão impressa com 48 (quarenta e oito) páginas, traz em seu interior a efeméride dos sete anos de lançamento da publicação. Na

página 15, com fundo amarelo, uma linha do tempo da revista está apresentada com o título: “A Quatro Cinco Um tá de parabéns” (A Quatro [...], 2024, p. 15). Percorrendo os anos de existência da revista como se fossem intertítulos, o pequeno especial pontua conquistas e marcos editoriais e é finalizado com uma autorreflexão:

Ao longo dos anos, a revista *Quatro Cinco Um* foi se firmando como uma potente plataforma voltada para a cultura dos livros. Buscamos misturar em nossas páginas diferentes gerações, sensibilidades e pontos de vista. Partimos da premissa de que quanto mais livros circulam numa sociedade, mais democrática ela é. [...] E você, caro leitor, faz parte da nossa história. [...] Obrigada por construir a *Quatro Cinco Um* com a gente, fortalecendo o projeto com a sua assinatura, a compra avulsa das nossas edições ou doações. *Vamos juntos!* (Quatro [...], 2024, p. 15, grifos originais).

O projeto dos editores Paulo Werneck e Fernanda Diamant surgiu em 2017 a partir de uma percepção quanto à ausência de espaços na imprensa voltados aos numerosos lançamentos do mercado editorial brasileiro, sobretudo livros de não-ficção, mal absorvidos pelos poucos espaços dedicados às resenhas literárias no jornalismo nacional⁶. Não somente origina-se como um produto impresso, na contramão do que hoje é usual no meio jornalístico; como, desde o princípio, abarca um investimento notável — para que a revista atingisse seu público-alvo, conquistando assinantes e estabelecendo relações com anunciantes do mercado editorial e instituições parceiras.

O projeto baseou-se nos “reviews” estrangeiros, notadamente o *New York Review of Books* e o *London Review of Books*. O primeiro, conhecido por sua história atrelada à contracultura estadunidense, é citado com frequência pelo colunista Paulo Roberto Pires⁷, o que evidencia o espelhamento a partir do mercado internacional, convergindo com um certo posicionamento *progressista*, como visto no site da *Quatro Cinco Um*, onde se afirma: “acreditamos no livro como

⁶ Tal como explicado por Paulo Werneck em participação no *Festival 3i*, em 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fVamWNuWHC0>. Acesso em: 15 abr. 2024. E no *Fórum das Letras*, em 2021, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=e_vtQDrPAew. Acesso em: 15 mar. 2024.

⁷ Como exemplo, a coluna Mais molotov, menos Tchêkhov, que lembra a edição de agosto de 1967 da *New York Review of Books*, cuja capa trazia uma ilustração e instruções para fabricação de um coquetel molotov, motivado pela onda de conflitos raciais. Disponível em: <https://www.quatrocincoum.com.br/colunas/critica-cultural/mais-molotov-menos-tchekhov/>. Acesso em: 16 abr. 2024.

objeto de transformação individual e coletiva, com base no princípio de que não há sociedade democrática sem ampla circulação de livros”(Quatro Cinco Um, s. d., s. p.)⁸. Essa ideia é corroborada em vários momentos da trajetória da revista, podendo-se ler em edições e notícias, uma compreensão acerca do que se trata a produção editorial em tela. É o que vai dizer Gabriel Cohn em junho de 2019: “Ao colocar em circulação as informações sobre os livros publicados no Brasil, a *Quatro Cinco Um* procura promover a livre circulação de ideias, a bibliodiversidade e o valor cultural do mercado de livros, que são objetos que não podem ser tratados como as demais mercadorias” (Cohn, 2019, s. p., grifos originais)⁹.

A relação do ponto de vista ideológico e estético com os “reviews” estrangeiros pode ser considerada, em uma análise de contexto de edição, desde a compreensão da publicação como vinculada a uma “[...] red constituida por el conjunto de revistas publicadas en una época dentro de una cultura (y a veces, en el extranjero)” (Louis, 2014, p. 39). Tal relação, por um lado, situa *Quatro Cinco Um* em um circuito histórico e social, transpondo experiências e fronteiras, simultaneamente entrecruzando-as; e, por outro lado, circunscreve a própria publicação como produção cultural relevante, embora representativa de uma especialidade e/ou centralidade *livresca* (e mesmo *livreira*), com seus contextos de publicação, edição, produção e leitura (Louis, 2014) alinhados à sua localidade, público leitor e demais marcadores.

Embora afirme uma inclinação progressista na revista, Paulo Werneck evita associá-la a um viés político-partidário explícito. Em entrevista à imprensa portuguesa¹⁰, o diretor de redação enfatiza que a revista conta também com colaboradoras/es de perspectivas conservadoras, ao mesmo tempo em que cobre pautas progressistas, voltadas para questões de identidade e representatividade.

Essa pluralidade, segundo Werneck, é fundamental para garantir a diversidade de diferentes correntes de pensamento. O autor ainda faz uma distinção importante entre o conservadorismo ligado à ditadura militar e aquele que se refere a visões econômicas ou religiosas. As páginas, portanto, não abrem espaço para discursos que se alinhem à defesa de

⁸ Disponível em: <https://www.quatrocincoum.com.br/sobre-nos/>. Acesso em: 15 mar. 2024.

⁹ Disponível em: <https://quatrocincoum.com.br/resenhas/arte/adeus-ao-futuro/>. Acesso em: 15 mar. 2024.

¹⁰ Disponível em: <https://observador.pt/a-quatro-cinco-um-veio-do-brasil-para-portugal/>. Acesso em: 15 mar. 2024.

regimes autoritários. Essa compreensão editorial, mesmo que o editor opte por não alinhar, explicitamente, uma perspectiva ideológica, situa a publicação numa tradição de agente público e político, que realiza uma mediação cultural a partir de uma leitura de mundo e de uma prática específica, o que coloca em evidência não apenas o tipo de jornalismo e produção de conteúdo por ela realizada, mas também as construções simbólicas acerca do cotidiano e da vida social de sua própria época. As revistas culturais, tal qual propõe Cavieres (2021), não são agentes neutros; habitam seu próprio campo intelectual e cultural para disputar espaços, gerando alianças e estabelecendo desencontros.

Como revista cultural, mas também *de cultura*, *Quatro Cinco Um* soma-se a um rol histórico de publicações — não apenas aquelas com quem declaradamente ela dialoga, mas a outras tantas que circulam e circularam na história — e assume em seus próprios discursos e no todo de suas edições um protagonismo do “[...] quehacer social y político de su época, constituyendo a la vez dispositivos culturales y actores políticos” (Pasquaré; Aranda, 2019, p. 21).

Com periodicidade mensal, *Quatro Cinco Um* apresenta-se atualmente como “uma revista multiplataforma de crítica de livros, publicada pela Associação *Quatro Cinco Um*, organização sem fins lucrativos voltada à difusão do livro, das ciências, da literatura e dos direitos humanos na sociedade brasileira” (De Grandes [...], s. d., s. p.)¹¹. Quanto a seus conteúdos e estrutura apresenta resenhas, reportagens, entrevistas e imagens que cobrem desde lançamentos do mercado editorial a eventos literários, como a *Festa Literária Internacional de Paraty* (Flip) e *A Feira do Livro*, organizada pela própria Associação desde 2022 em sua cidade sede, São Paulo. Sua atuação no mercado editorial também se expandiu quando, em 2022, a doação da editora Tinta-da-China no Brasil à Associação permitiu-lhe concretizar um projeto que já estava em seus planos: tal como a *New York Review of Books*, passa a não somente criticar livros, mas também a publicá-los com seu próprio selo editorial.

Ainda sobre seu contexto de edição, podemos lembrar que, em seus primeiros meses, a revista circulou apenas em formato impresso, tendo suas primeiras seis edições encartadas à

¹¹ Disponível em: <https://quatrocincoum.com.br/sobre-nos/>. Acesso em: 15 mar. 2024.

revista *piauí*, com a qual compartilha um público similar — majoritariamente masculino, em faixa etária entre 25 e 44 anos, apresentando altos índices de escolaridade, com formação no ensino superior, elevado poder aquisitivo e consumidor de produtos culturais¹². A *piauí*, publicação que também ocupa um lugar pouco explorado no Brasil, focando nas reportagens narrativas, que remontam ao *New Journalism*, compartilha com a *Quatro Cinco Um* o contexto de edição e de produção — quando considerado que compartilham “[...] las reuniones de un grupo, al proyecto intelectual detrás de una publicación [...]” (Louis, 2014, p. 43), tendo João Moreira Salles, idealizador da *piauí*, como parte do conselho fundador. Hoje, após reestruturação em seu design digital e produção de conteúdo, passou a adotar a lógica do *digital first*, em que os conteúdos são pensados primeiro para o formato digital, e não o contrário, como era feito anteriormente¹³. Ainda nesse sentido, observa-se a centralidade da literatura e do livro para as pautas e entrevistas, vistos em projetos concomitantes à revista – clubes de leitura, *newsletters*, *podcasts*.

Para melhor perceber tais traços de identidade e a presença do conjunto de gêneros que definem o *jornalismo de livros* praticado pela empresa, podemos partir do conceito de revista proposto por Annick Louis (2014), que propõe que o produto:

corresponde a los elementos que se encuentran en la misma página (escritos, ilustraciones), pero también las otras páginas; el concepto se refiere a los elementos materiales más inmediatos, pero no solamente al objeto en sí, sino al movimiento que consiste en la puesta en página del texto, y toma en cuenta los elementos siguientes: cohabitación de textos, tipografías, ilustraciones, etc (Louis, 2014, p. 35).

Com produções textuais pensadas para um público com hábito de leitura, a revista foi estruturada para atendê-lo, com escolhas que vão da tipografia ao tipo de papel, doado durante

¹² Informações coletadas do mídia kit da *Piauí*. Disponível em: <https://s3.amazonaws.com/uploads.piaui.folha.uol.com.br/wp-content/uploads/2024/01/30133244/midia-kit-2024-1.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2024,. E da revista *Quatro Cinco Um*. Disponível em: https://media.quatrocinco.com.br/original/451_midiakit_2018.pdf. Acesso em: 29 jul. 2023.

¹³ Disponível em: <https://www.quatrocinco.com.br/noticias/quatro-cinco-um/a-revista-dos-livros-esta-de-casa-nova/>. Acesso em: 15 mar. 2024.

os primeiros anos pela empresa Suzano, contando ainda com o apoio da *Ipsis Gráfica e Editora*¹⁴. O projeto gráfico, de Daniel Trech e Celso Longo, informa a revista:

evoca o formato dos “book reviews” norte-americanos e britânicos como o New York Review of Books e o London Review of Books. A fonte tipográfica utilizada, a elegante Financier, foi desenvolvida para o jornal britânico Financial Times e é própria para a leitura de textos longos. O conforto do leitor também pautou a escolha do papel no qual a revista é impressa, Pólen, desenvolvido especialmente para livros¹⁵ (De Grandes [...], s. d., s. p., grifos originais).

A estrutura interna da revista tem se mantido, sendo essencialmente composta pelas seguintes seções, conforme podemos organizar:

- 1) *Folha de rosto*: produzida por Renato Parada, apresenta um retrato de alguma personalidade que está de alguma forma ligada ao escopo editorial da revista (escritores, artistas, críticos, pesquisadores de literatura e ciências humanas);
- 2) *Fichamento*: seção com uma pequena entrevista em formato pingue-pongue com alguma personalidade desse mesmo escopo;
- 3) *Colunas*: atualmente conta com Humberto Brito (Onde queremos viver); Renan Quinalha (Livros e livres); Bianca Tavorali (As cidades e as coisas); Djaimilia Pereira de Almeida (Onde queremos viver); Kalaf Epalanga (Um benguelense em Berlin); Paulo Roberto Pires (Crítica cultural); Ondjaki (Deslembamentos); Juliana Borges (Perspectiva amefricana);
- 4) *Resenhas*: que ocupam a maior parte da revista, subdivididas em diversas editorias como Divulgação Científica, História, Política, Economia, Psicanálise, Literatura. Há editorias específicas que contaram com o apoio e de diferentes instituições ao longo dos anos, como Literatura Brasileira (Apoio do Itaú Cultural em 2021); Literatura em Língua Francesa (Apoio da Embaixada da França entre 2021-22); Literatura Japonesa (Apoio do Japan House São Paulo desde 2018); Literatura Israelense (Apoio Instituto Brasil-Israel entre 2020-23) e Rebentos - Literatura Infanto Juvenil (Apoio do Itaú Social entre 2018 e 2022);

¹⁴ Optamos aqui por trazer essa dimensão material da versão impressa já que a entendemos como parte fundamental do circuito comunicacional, editorial e de circulação da publicação, que incide diretamente sobre a relação de *Quatro Cinco Um* com o mercado e com seu contexto de mecenato. Informações disponíveis em: <https://quatrocinco.org.br/parceiros/>. Acesso em: 15 mar. 2024.

¹⁵ Disponível em: <https://quatrocinco.com.br/sobre-nos/>. Acesso em: 15 mar. 2024.

5) *Listão*: fechamento da revista, que reúne uma grande quantidade de lançamentos do mês de diversas editoras do país¹⁶.

Como já mencionado anteriormente, a revista funciona a partir de uma rede de colaboradoras(es) para produzir os conteúdos em diferentes gêneros textuais. Esse funcionamento permite uma diversidade de conteúdos, embora sigam gêneros textuais mais ou menos estabelecidos. Também permite o lançamento de novos nomes no mundo intelectual, jornalístico e editorial¹⁷. Há presença de colaboradoras(es) que atuam tanto no mercado (como autoras(es) e profissionais do livro), como de outras áreas, mas com presença paralela no mundo editorial. Esse coletivo, observando-se as pautas e os textos, vai ao encontro da natureza pensada por Moraña (2003) para as revistas culturais e literárias na América Latina, relacionadas a processos de ressignificação cultural e ao assentamento de “bases ideológicas e culturais que conformam uma noção de cidadania” (Moraña, 2003, p. 67). Segundo a pesquisadora:

Encabalgada así entre la institucionalidad cultural, las imposiciones y lógicas internas del mercado cultural, y la definición de sus propias agendas referidas a la representación y administración de bienes simbólicos, la revista es una pieza fundamental en el procesamiento y divulgación de mensajes, la interconexión de sectores sociales y la canalización de nuevos proyectos que se ven obligados a negociar constantemente su lugar en la esfera pública. (Moraña, 2003, p. 67).

Em suas edições, a revista lembra que o mercado editorial é desde sempre uma área multidisciplinar, seja pela falta de uma formação específica para tal atuação, seja pela diversidade de assuntos que os livros e o *jornalismo de livros* são capazes de cobrir. Assim, há presença de nomes relevantes no meio editorial e intelectual como colunistas (principalmente expoentes de um *mainstream* editorial e geográfico), dando maior credibilidade e também

¹⁶ A seção *Listão* apresenta-se como uma produção interessante pois permite ver de maneira clara os interesses cruzados entre pauta jornalística e publicidade na indústria cultural, como nos lembra Vicente (2022): “[...] as listas também podem inserir-se no denominado jornalismo de serviço [...] por seguir uma lógica não só mais orientada para o consumo, mas tendo também como objetivo orientar, servir e guiar o público. Aproximam-se também do jornalismo de divulgação, focado na agenda de eventos e na divulgação das novidades da produção artístico-cultural. Este tipo de jornalismo pode incluir agendas, endereços de estabelecimentos (no caso dos livros, pode referir, por exemplo, os horários de livrarias), sinopses, comentários e dicas” (Vicente, 2022, p. 60).

¹⁷ Na página da Associação Quatro Cinco Um, lê-se: “Não fazemos nada sozinhos. Em rede, levamos o livro para o centro do debate no Brasil e amplificamos a voz de nossos parceiros”. Disponível em: <https://quatrocinco.org.br/>. Acesso em: 15 mar. 2024.

conteúdo perene para as publicações, em contraste com as/os colaboradoras(es) que, em geral, são flutuantes — há uma diversidade de colaboradoras/es a cada edição, que podem ou não aparecer em edições subsequentes.

Há editorias que permitem o aprofundamento ou especialização em dadas áreas do campo editorial e literário, algo que usualmente não é possível em outros espaços dedicados ao livro no jornalismo, como nos suplementos, jornais e revistas culturais mais generalistas, como a *Folha Ilustrada*¹⁸, a *Bravo!* e a *Revista Continente*. Nesses espaços, ainda que tradicionalmente ligados ao aprofundamento de pautas, sobretudo culturais, o livro e a literatura são em si uma editoria que, com o tempo, teve seu espaço drasticamente reduzido e, consequentemente, não apresenta a cobertura intensa e especializada proporcionada pelo *jornalismo de livros*, em que o livro e a literatura tratam-se do guarda-chuva, da especialidade, a partir da qual tecem-se as suas editorias, caso do *Suplemento Pernambuco* e do jornal *Rascunho*, que compõem o campo do qual faz parte a própria *Quatro Cinco Um*.

Como já mencionado, ao longo do ano, há pautas relacionadas à cobertura de eventos literários, como festas e feiras do livro, gerando conteúdos e edições especiais, voltadas a esses eventos, movimentando também a divulgação de títulos lançados e divulgados nestes contextos. Muitas vezes nestes eventos há a sociabilidade entre membras(os) internas(os) e externas(os), autoras(es) e demais profissionais do livro, reforçando a ideia de comunidade e de rede intelectual e cultural.

Toda essa ambiência, que situa *Quatro Cinco Um* entre a identidade de uma *revista cultural* e uma revista *de cultura*, chama a atenção para como a publicação se consolida e se reconhece, estruturando uma cobertura que complexifica editorialmente um *jornalismo de livros*, algo bastante específico no Brasil, fazendo-o existir não apenas como um conjunto de certos gêneros textuais, mas como produto resultante desse conjunto. Um produto, nesse sentido, que ultrapassa a reunião de gêneros — ainda que dele se estruture — e se lança como porta-voz não apenas de uma tradição editorial *revisteira*, mas como dispositivo que coloca a cultura livresca e

¹⁸ Mencionada por Paulo Werneck, antigo editor do caderno, em sua participação no *Festival 3i*, em 2022, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fVamWNuwHC0>. Acesso em: 15 abr. 2024.

seus circuitos interpretativo e de circulação como agentes intelectuais e midiáticos de intervenção no mundo.

“Jornalismo de livros” em *Quatro Cinco Um*: muito mais que um gênero

A proximidade entre jornalismo e literatura vem desde as origens da circulação de impressos periódicos, especialmente quando considerada a história do jornalismo no Brasil e na América Latina, onde o *homem de letras* figurou como personagem principal com sua produção opinativa, usualmente fruto de uma formação autodidata (Ventura, 2015). Mundo afora, não somente a consolidação da imprensa em massa proporcionou um espaço para a circulação de ideias e formação de redes intelectuais, como também o surgimento de novas formas textuais. Transformaram-se com o passar das décadas, em formas híbridas entre a literarização do cotidiano e os ideais de factualidade e noticiabilidade jornalística (Bulhões, 2007): a literatura panorâmica (ou fisiologia), o romance realista, culminando no jornalismo literário, onde tal relação ocorre pela contaminação pelo texto jornalístico de “recursos e técnicas de captação e redação provenientes da literatura” (Lisboa, 2021, p. 39), destacando-se nomes como Charles Dickens e Honoré Balzac, escritores da escola do realismo social que inspiraram o *New Journalism*, movimento estadunidense desenvolvido entre as décadas de 1950 e 1970.

A presença da literatura na imprensa não se deu somente pela contaminação de uma na forma da outra. Houve também a gênese da crítica literária jornalística, que no Brasil teve momentos de destaque em seus períodos romântico, realista e modernista (Bertol, 2020; Strelow, 2006; Ventura, 2015). Amplamente, na América Latina, a presença de intelectuais na imprensa, em textos de caráter opinativo, também foi destaque, culminando no surgimento de um cenário amplo de publicações. Revistas culturais e literárias se tornaram a principal forma de publicação para escritoras/es, iniciantes e experientes, dando corpo e materialidade a um conjunto de ideias, bem como organizando toda uma sociabilidade (Cavieres, 2021; Delgado, 2014; Saferstein, 2013; Sarlo, 1992). As condições que mantinham tais revistas em circulação eram frágeis, muitas tiveram vida útil curta. Como nos lembra Pluet-Despatin (2016):

Si bien es vocación de la revista el pensarse hacia adelante, la noción de *permanencia* no le es necesariamente familiar, en la medida en que su existencia

resulta frágil. Son escasas las revistas que, como la *Revue historique* o la *Revue philosophique de la France et de l'étranger*, han alcanzado los cien años, y esto les confiere un rango consuetudinario y un estatuto de “institución” en el primer sentido del término que Alain Viala refiere como una “estructura establecida como duradera por la ley y la costumbre”. (Pluet-Despatin, 2016, p. 3, grifos originais).

Nesse contexto, ainda que num cenário instável de longevidade das publicações, a relação entre o campo cultural, o campo editorial e o jornalismo foi se estabelecendo e se modificando. O dito *jornalismo cultural* se consolida e ganha espaços dentro da própria imprensa, inclusive em publicações específicas; e, nessa ambiência, o lugar dedicado à literatura e à discussão sobre livros também vai alcançando espaços e contornos próprios.

O termo *jornalismo de livros* vem sendo utilizado pela redação de *Quatro Cinco Um* em algumas de suas publicações¹⁹ como forma de referir-se ao subgênero jornalístico no qual insere sua própria produção, dando a entender que esta é ainda representativa de outras similares, sendo possível ainda compreendê-lo como um fenômeno a partir de uma rede de publicações (Louis, 2014), como jornais, revistas e outras produções midiáticas.

No que se refere à relação com a produção textual — e os entrecruzamentos entre jornalismo e literatura —, a ideia de *jornalismo de livros* aparece tradicionalmente muito associada à presença de um jornalismo “em livros”, como é o caso dos chamados “livros-reportagem” (Belo, 2013; Lima, 2009) ou “livros de repórter” (Marocco, Zamin e Silva, 2019), mas não à de um jornalismo *sobre livros*, como se pretende o aqui discutido. Passos (2010) relembra essa noção, associando-a à ideia de *jornalismo literário* e seus termos congêneres, tal qual nomeado por distintas referências, como “jornalismo narrativo”, “creative nonfiction”, entre outros. Nesta esteira de reflexão, Carvalho e Passos (2008) demarcam, inclusive, a diferença

¹⁹ Como exemplos, podemos citar as seguintes publicações, que se configuram como editoriais assinados por *Redação Quatro Cinco Um*: “Edição histórica volta para novos assinantes” (2 dez 2019). Disponível em: <https://www.quatrocincoum.com.br/noticias/quatro-cinco-um/edicao-historica-volta-para-novos-assinantes/>. Acesso em: 8 abr. 2024. No texto, ao comentar sobre a repercussão da edição cuja capa apresenta a atriz Fernanda Montenegro, consta que “a revista teve uma repercussão inédita para os padrões do jornalismo de livros e chegou a esgotar nas bancas e livrarias do país”. Também em “Quatro Cinco Um lança o seu primeiro podcast” (5 jul. 2019). Disponível em: <https://www.quatrocincoum.com.br/podcasts/quatro-cinco-um/quatro-cinco-um-lanca-o-seu-primeiro-podcast/>. Acesso em: 8 abr. 2024, consta que “O jornalista Guilherme Alpendre, diretor-executivo da Rádio Novelo, assinala o pioneirismo do projeto no contexto do jornalismo de livros brasileiro”.

entre o “jornalismo literário” e o “[...] jornalismo sobre literatura (crítica literária, por exemplo) ou a ficção baseada na realidade factual” (Carvalho; Passos, 2008, p. 68).

Numa outra perspectiva de gênero e já aproximando-se da ideia de um jornalismo “sobre livros”, Diana Sofia Baptista Vicente (2022) volta-se às publicações sobre jornalismo e literatura em Portugal, mencionando o termo “jornalismo cultural de literatura”, enquanto uma subespecialidade do jornalismo cultural.

Quanto à especificidade do jornalismo cultural, Vicente (2022, p. 24) explica como certas nuances deste encontro são traduzidas em diferentes contextos nacionais, sob diferentes nomenclaturas:

A tradição anglo-saxónica utiliza jornalismo de arte, num sentido mais restrito e caracterizado pelas *reviews*, críticas, notícias e outros textos e ensaios sobre arte e cultura popular. Por sua vez, os estudos nórdicos e de outros países da Europa (como é o caso de Portugal), juntamente com a tradição américo-latina, utilizam jornalismo cultural, conceito mais abrangente que engloba também questões sociais e político-ideológicas, matérias relacionadas com *lifestyle* e discussões de reflexão ética. (Vicente, 2022, p. 24, grifos originais).

Poderíamos, no entanto, compreender que o termo *jornalismo de livros* pode tanto referir-se a essa subespecialidade como destacar a particularidade do segmento dentro do jornalismo e do mercado editorial, com aproximações a outras publicações culturais; mas também com especificidades de uma produção com objetos e público ainda mais seletos.

Tal restrição, ao mesmo tempo em que circunscreve a noção como fenômeno cotidiano e midiático, complexifica, em alguma medida, sua dimensão tanto em termos conceituais quanto em termos práticos. Uma vez dentro de uma publicação específica e em diálogo direto com o mercado editorial e cultural, o *jornalismo de livros* sai da *condição* do gênero e passa a corresponder a um circuito comunicacional mais amplo, no qual temporalidades, espacialidades e agentes múltiplos ultrapassam uma dimensão puramente de divulgação ou entretenimento, para corresponder ao todo de um periódico, de suas edições, de sua duração editorial e do coletivo de seus diversos produtos e ações — principalmente no cenário atual, de existência multimidiática dos veículos comunicacionais.

Essa perspectiva tanto dialoga com uma compreensão mais elaborada daquilo que se costuma caracterizar como “jornalismo cultural”²⁰ quanto o insere em contextos editoriais contemporâneos, cujas demandas de produção e circulação, ao mesmo tempo em que remontam a uma tradição, atualizam perspectivas para a sua existência.

Dessa forma, poderíamos dizer que o *jornalismo de livros*, como parte do jornalismo cultural, possui também sua especificidade, explicando porque periódicos como a *Quatro Cinco Um* partem dos livros para discutir assuntos da atualidade, em comentários e opiniões que por vezes vão além da própria literatura. Isso agencia a identidade da revista enquanto produto jornalístico, mas também situa o próprio *jornalismo de livros* como singularidade — distinto de produções menos ligadas a essa rede de revistas (Louis, 2014) e, como observado por Vicente (2022), integrado à indústria cultural.

No caso de *Quatro Cinco Um*, a compreensão da dimensão “revistativa” (Tavares, 2022) do periódico incide também sobre o jornalismo cultural que ali se realiza e, mais especificamente, sobre o *jornalismo de livros* ali constituído. Se no “[...] jornalismo cultural, a crítica, a resenha e a agenda são formatos textuais comumente encontrados”, como lembram Cavalcanti e Golin (2019, p.76), como o *jornalismo de livros* de *Quatro Cinco Um* — também manifesto em resenhas, ensaios, colunas de opinião, artigos, entrevistas, reportagens — manifesta um amálgama entre uma cobertura de eventos ou lançamentos de livros e uma proposta de interpretação de mundo? Mais que responder à essa questão, é importante ter em conta o que ela revela sobre a própria natureza do periódico e sobre a noção de *jornalismo de livros*.

“Jornalismo de livros” e o tempo de *Quatro Cinco Um*

Segundo Santiago (1993), “a história da imprensa escrita na sociedade ocidental é a história da sua desliteraturização” (Santiago, 1993, p. 12), observando-se a perda de lugar da literatura, contínua e sistematicamente, na imprensa diária e semanal. Espaços, ainda que

²⁰ Conforme Cavalcanti e Golin (2019, p. 76), “Nesse percurso em torno de um conceito, percebe-se que algumas ideias centrais parecem se repetir e podem ser condensadas por uma qualidade estruturante: o jornalismo cultural se caracteriza por um modo processual de criação, apontando para um passado em permanente latência a partir de um repertório crítico, seletivo e, principalmente, produtor de memória” (Cavalcanti; Golin, 2019, p. 76).

diminuídos vertiginosamente na contemporaneidade, foram significativos para a crítica sobre os livros introduzidos na indústria de bens culturais por um mercado editorial em ebulição.

Indo numa outra direção em relação ao diagnóstico de Santiago (1993), ainda que sem contra argumentá-lo, pode-se dizer que situando os textos críticos no seio de publicações específicas e, nesse sentido, considerando os circuitos comunicacionais por elas constituídos e os contextos dos quais elas fazem parte, é possível pensar numa certa atualização da relação entre meios de comunicação e literatura, cenário este onde o *jornalismo de livros* realizado e proposto por *Quatro Cinco Um* se insere.

Pluet-Despatin (2016), a partir de Daniel Fabre, assevera que a distinção entre a revista e o livro “como um todo” está relacionada a uma ambição — das revistas — “de modelar seu próprio tempo” (Fabre *apud* Pluet-Despatin, 2016, p. 3). Já no começo dos anos 2000, Moraña (2003) explicitou uma série de desafios para as revistas culturais latino-americanas, muitas das quais pareciam antever o comportamento de publicações como *Quatro Cinco Um*, no Brasil, anos mais tarde. Podemos destacar, dentre tais desafios, o surgimento de *novas zonas de análise*, no qual localizam-se o feminismo, os estudos gays, estudos latino-americanos, estudos étnicos; são perspectivas que convergem com as análises literárias, culturais e ideológicas já conhecidas naquele momento, possibilitando novas formas de integrar o conhecimento das ciências sociais.

Quatro Cinco Um busca sustentar em seus discursos autorreferentes (desde a sua gênese), nos conteúdos e pautas de suas edições, a defesa pela diversidade, de livros e ideias, passando por pautas que podemos considerar parte das políticas identitárias que ganharam força nas últimas décadas. Na cobertura jornalística, isto é traduzido sob a forma de editoriais e editorias que parecem tentar responder às demandas do tempo — *Livros e Livres* volta-se à literatura LGBTQIAP+; houve editorias voltadas a culturas específicas; também há aquelas cujo foco escapa à literatura, mas mantém diálogo com outras ciências humanas e sociais, caso de *Liberdade e Autoritarismo* e *As Cidades e as Coisas*. Todos esses exemplos vão ao encontro das “zonas de análise” apontadas por Moranã (2003), estando presentes também na teoria e crítica literária contemporâneas, exercendo pressão sobre tradições já consagradas tanto na academia quanto na cobertura midiática.

Tal proposição situa editorialmente um olhar bem delimitado sobre o tipo de intervenção *no tempo* que *Quatro Cinco Um* busca percorrer, relacionado às estratégias e contornos (comerciais, editoriais, políticos, geográficos etc.) de suas próprias redes comunicacionais e de sociabilidade. A própria circulação da revista parece manifestar uma forma de interpretação do mundo distinta daquela recorrente na temporalidade do jornalismo diário. A publicação mensal da edição impressa convida à fruição mais que ao consumo rápido de *leads*. Ainda, *Quatro Cinco Um* apresenta, assim como a revista *Cult* — importante produto no campo do jornalismo cultural brasileiro —, uma "atualidade expandida" (Cavalcanti; Golin, 2019, p. 78), em que, sem se ater ao presente imediato, aborda a atualidade em um tempo próprio, mais longo, menos imediatista, sob lógicas de seu fluxo de trabalho editorial, distintas das coberturas *presentistas* que se tornaram o padrão jornalístico. Essa característica, presente em outras revistas culturais de periodicidade ampliada, especialmente aquelas que se enquadram no conceito argentino de *revista independente de cultura*, ao qual *Cult* e *Quatro Cinco Um* parecem se encaixar, é engendrado nesta última pelos livros e pela literatura, sendo este seu diferencial enquanto produto inscrito no circuito do *jornalismo de livros*.

Ir a fundo nos conteúdos da revista e problematizar como o *jornalismo de livros* ali presente interpreta e propõe um tipo de intervenção no mundo, tendo em vista ainda suas características materiais, é crucial. Para o momento, deixamos essa tarefa em aberto.

Referências

A QUATRO Cinco Um tá de parabéns! *Quatro Cinco Um*. São Paulo, n. 81, maio 2024.

BELO, Eduardo. *Livro-reportagem*. São Paulo: Contexto, 2013.

BERTOL, Rachel. Anacronias da crítica literária em jornal: a transição da matriz romântica ao rodapé. *Intercom - RBCC*, São Paulo, v. 43, n. 1, jan./abr. 2020. p.53-70. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/interc/a/IQNxS5bySHw4SR35pYMLnyL/> Acesso em: 11 mar. 2024.

BULHÕES, Marcelo. *Jornalismo e literatura em convergência*. São Paulo: Ática, 2007.

CARVALHO, Juliano M; PASSOS, Mateus Yuri R. S. A contribuição da revista 'piauí' para uma cultura científica. *Alceu* (PUCRJ), v. 9, p. 64-80, 2008. Disponível em: <http://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=313&sid=29>. Acesso em: 12 mar. 2024.

CASTRO, Gustavo. *Jornalismo literário: uma introdução*. Brasília: Casa das Musas, 2010.

CAVALCANTI, Anna; GOLIN, Cida. Jornalismo cultural e temporalidade nos dossiês da revista brasileira *Cult* (2019). *Âmbitos*, v. 58, p. 89-108, 2019. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8618381> Acesso em: 11 abr. 2024.

CAVIERES, Claudio Berrios. Aproximaciones Al Estudio de Las Revistas Culturales en América Latina. *La Antorcha Magacín*. [online] 6 de dez. 2021. Disponível em: <https://laantorchamagacin.com/2021/12/06/3191/>. Acesso em: 11 mar. 2024.

COHN, Gabriel. Adeus ao futuro. *Revista Quatro Cinco Um*. São Paulo, 24 de junho de 2019. Disponível em: <https://quatrocinco.um.com.br/resenhas/ciencias-sociais/adeus-ao-futuro-3/>. Acesso em: 12 mar. 2024.

DAPIEVE, Arthur. A renovada crise do jornalismo cultural. *ALCEU*, v. 14, n. 27, p. 191-201, 2013. Disponível em: <http://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from%5Finfo%5Findex=17&infoid=489&sid=39>. Acesso em: 12 mar. 2024.

DE GRANDES leitores para grandes leitores. *Quatro Cinco Um*, s. d. Disponível em: <https://quatrocinco.um.com.br/sobre-nos/>. Acesso em: 15 mar. 2024.

DELGADO, Verónica; ROGERS, Geraldine. Introducción. In: DELGADO, Verónica; ROGERS, Geraldine (Orgs.). *Revistas, archivo y exposición: Publicaciones periódicas argentinas del siglo XX*. La Plata: Libros de la Fahce, 2019. p.7-10. Disponível em: <https://www.libros.fahce.unlp.edu.ar/index.php/libros/catalog/book/148>. Acesso em: 31 mar. 2023.

DELGADO, Verónica. Algunas cuestiones críticas y metodológicas en relación con el estudio de revistas. In: DELGADO, Verónica; MAILHE, Alejandra; ROGERS, Geraldine (Orgs.). *Tramas impresas: Publicaciones periódicas argentinas XIX-XX*. La Plata: Universidad Nacional de La Plata. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, 2014. p. 11-25. Disponível em: <https://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/libros/pm.376/pm.376.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2023.

LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas ampliadas: livro-reportagem como extensão do jornalismo*. São Paulo: Manole, 2009.

LISBOA, Isabella Aparecida de S. *Svetlana Aleksiévitch e as mulheres do front: jornalismo, literatura e testemunho*. (Dissertação de Mestrado em Estudos Literários). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte: 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/41433/1/Arquivo%20Final%20Isabella%20Lisboa%20versao%20final.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2024.

LOUIS, Annick. Las revistas literarias como objeto de estudio. In: ERLICHER, Hanno Erlicher; RIßLER-PIPKA, Nanette (Org.). *Almacenes de un tiempo en fuga*. Revistas culturales de la modernidad hispánica. Berlín: Shaker Verlag, 2014. p. 31-57.

MAROCCO, Beatriz; ZAMIN, Ângela; SILVA, Márcia. *Livro de repórter: autorialidade e crítica das práticas*. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2019. Disponível em:

Dossiê **Modernismos no Brasil: textualidades e travessias**

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 28, n. 3, 2025

DOI: 10.29146/eco-ps.v28i3.28247

<https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/20064/Livro-de%20reporter-autoralidade-e-critica-das%20praticas%20%284%29.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 11 mar. 2024.

MORAÑA, Mabel. “Revistas culturales y mediación letrada en América Latina”. *Outra Travessia*, Ilha de Santa Catarina, v. 40, n. 1, p. 67-72, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/13093>. Acesso em: 12 mar. 2024.

PASQUARÉ, Andrea Fabiana; ARANDA, Maria Marcela. Apresentação. *Revistas Culturais na Ibero-América. Antíteses*, [S. l.], v. 12, n. 23, p. 21-28, 2019. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/37433>. Acesso em: 14 mar. 2024.

PASSOS, Mateus Yuri. Jornalismo literário e a pirâmide: implicações discursivas na comunicação pública da ciência. *INTERCOM*, v. 33, p. 199-219, 2010. Disponível em: <https://revistas.intercom.org.br/index.php/revistaintercom/article/view/600>. Acesso em: 14 mar. 2024.

PIZA, Daniel. *Jornalismo cultural*. São Paulo: Contexto, 2003.

PLUET-DESPATIN, Jacqueline. Contribución a la Historia de los Intelectuales. Las revistas. *AMÉRICALEE*. El portal de publicaciones latinoamericanas del siglo XX. 2016. Disponível em: www.americalee.cedinci.org. Acesso em: 31 mar. 2024.

REDAÇÃO QUATRO CINCO UM. Edição histórica volta para novos assinantes. *Quatro Cinco Um*, 2 dez. 2019. Disponível em: <https://quatrocincoum.com.br/noticias/quatro-cinco-um/edicao-historica-volta-para-novos-assinantes/>. Acesso em: 15 mar. 2024.

ROGERS, Geraldine. Las publicaciones periódicas como dispositivos de exposición. In: DELGADO, Verónica; ROGERS, Geraldine. (Orgs.). *Revistas, archivo y exposición: Publicaciones periódicas argentinas del siglo XX*. La Plata: Libros de la FaHCE, 2019. p.11-28. Disponível em: <https://www.libros.fahce.unlp.edu.ar/index.php/libros/catalog/book/148>. Acesso em: 31 mar. 2023.

SAFERSTEIN, Ezequiel A. Entre los estudios sobre el libro y la edición: el “giro material” en la historia intelectual y la sociología. *Información, cultura y sociedad: revista del instituto de Investigaciones Bibliotecológicas*. Buenos Aires, n. 29, 2013. p. 139-166.

SANTIAGO, Silviano. Crítica literária e jornal na pós-modernidade. *Revista Estudos Literários*. Belo Horizonte, v. 1, n. 1, out. 1993. p. 11-17. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/17612>. Acesso em: 20 fev. 2024.

SARLO, Beatriz. Intelectuales y revistas: razones de una práctica. *América: Cahiers du CRICCAL*, n. 9-10, 1992, p. 9-16.

STRELOW, Aline. Jornalismo literário e cultural: Perspectiva histórica. *Contracampo: Dossiê Comunicação e Literatura*. Niterói, n. 18, 2008. p. 113-133. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17465>. Acesso em: 12 mar. 2024.

TAVARES, Frederico de Mello B. A revista por ela mesma e o revistativo: problematizações sobre um modo de ser jornalismo. *ANIMUS*, v. 21, p. 195-219, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/65695>. Acesso em: 10 mar. 2024.

VELOSO, Kaio M.; TAVARES, Frederico de Mello B. Representações do cânone literário brasileiro na revista Quatro Cinco Um. *Revista Profanações*, v. 10, 2023. p. 244-274. Disponível em: <http://ojs.unc.br/index.php/prof/article/view/4827>. Acesso em: 10 mar. 2024.

VENTURA, Mauro Souza. *A crítica e o campo do jornalismo: ruptura e continuidade*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

VICENTE, Diana Sofia Baptista. *Jornalismo cultural de literatura ou jornalismo literário? Contributo para a definição do conceito em Portugal*. (Dissertação de Mestrado em Jornalismo). Instituto Politécnico de Lisboa, Escola Superior de Comunicação Social, Lisboa: 2022. Disponível em: [repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/15608/1/Diana Sofia Baptista Vicente trabalho final.pdf](https://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/15608/1/Diana%20Sofia%20Baptista%20Vicente%20trabalho%20final.pdf). Acesso em: 31/03/2024.

Agradecimentos

Agradecemos o fomento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) para a realização das pesquisas que dão base ao presente texto.

Frederico de Mello B. Tavares - Universidade Federal de Ouro Preto – Ufop
Professor Associado da Universidade Federal de Ouro Preto, onde atua como pesquisador permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação. É bolsista de Produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).
E-mail: frederico.tavares@ufop.edu.br

Kaio Moreira Veloso - Universidade Federal de Ouro Preto – Ufop
Mestre em Letras: Estudos da Linguagem, pela Universidade Federal de Ouro Preto. Bacharel em Jornalismo pela mesma instituição.
E-mail: kaiomoreira1999@gmail.com